



TECNOLOGIA DIGITAL E IMPACTO NAS PRÁTICAS LEITORAS

Telma Maria Vieira (FATEC)¹

Resumo: A tecnologia digital possibilitou o surgimento de novos suportes de transmissão textual e a substituição do livro pela imaterialidade das multimídias. Neste trabalho buscamos apontar as mudanças ocorridas nos suportes de transmissão de textos, até a era digital, e avaliar os impactos no ato de leitura. Para tanto, recorreremos à *estética do efeito*, teoria postulada por Wolfgang Iser, que analisa as atividades imaginativas e perceptivas, próprias do efeito de leitura. Também adotamos a *teoria do suporte*, desenvolvida pelo filósofo e historiador francês Roger Chartier que considera o suporte material do texto e as várias formas de ler como determinantes na construção de sentido e interpretação textual.


Palavras-chave: Exemplo; Outro exemplo; Abrialic

Introdução

As últimas décadas têm instigado pensadores ligados à semiótica, linguística e áreas afins acerca da relação existente entre os meios eletrônicos de expressão de linguagem verbal, tanto em sua produção quanto recepção. Transformações tecnológicas e o surgimento de redes de comunicação virtual revolucionaram a transmissão do texto escrito, bem como sua recepção. A linguagem verbal, que até então havia se difundido pela oralidade e, posteriormente, pelo livro impresso, pode ser disseminada também pelas multimídias.

Na era digital, a materialidade dos livros passou a conviver com a imaterialidade dos novos recursos tecnológicos digitais que também se apresentam como suportes de veiculação dos mais variados gêneros textuais. Isso porque qualquer texto somente torna-se realidade física ao manifestar-se em um artefato que funcione como veículo, isto é, não há possibilidade de produção textual sem que ele seja inscrito em algum tipo de suporte. Conseqüentemente, experimentamos uma verdadeira revolução no modo de ler, pois a leitura sobre uma tela não é a mesma que a realizada em um livro impresso.

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica: Literatura, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); docente da Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba, em São Paulo (FATEC ITAQUÁ). Contato: telma.mv@uol.com.br




O leitor de telas, como de computadores e *tablets*, prescinde de novas habilidades e práticas leitoras que são completamente distintas daquelas inerentes ao leitor contemplativo da linguagem impressa, isto é, as mudanças ocorridas, na era digital, nos suportes de transmissão textual geraram leitores especiais cujas características diferem consideravelmente dos leitores conhecidos até então.

Tecnologia Digital e Literatura: múltiplas possibilidades

A expressão da linguagem verbal e sua relação com os meios eletrônicos têm provocado reflexões de pensadores semioticistas, linguistas e estudiosos de áreas afins; todos voltados a analisar processos de produção, divulgação e consumo dessa linguagem nos novos meios de circulação textual que se firmaram nas últimas décadas do século XX. Diferentes enfoques ocupam àqueles que buscam entender como a linguagem verbal, bem como sua recepção, tem sofrido o impacto das multimídias. A expansão das redes de comunicações virtuais teria influenciado significativamente as práticas leitoras daqueles habituados à materialidade do livro impresso? Se sim, que impactos seriam esses e como teriam modificado o ato da leitura ao longo dessas décadas?

Estudiosos renomados buscam responder a essas indagações, comuns aos que circulam, especialmente, na esfera da educação. Dentre os pesquisadores do tema, há que se considerar o filósofo francês Roger Chartier cujas pesquisas com abordagem histórica de técnicas de escrita e leitura em muito tem contribuído para elucidar dúvidas dos que também se interessam pelo assunto. O destaque às pesquisas de Chartier justifica-se pelo fato de que refletir sobre leitura, seja de qualquer tipo de produção textual, requer associação com a história, pois técnicas de produção, modos de difusão e recepção dos textos têm suas peculiaridades nos diferentes períodos históricos. Além disso, várias de suas obras foram traduzidas no Brasil, o que contribuiu para que pesquisadores ocupados com questões relativas à leitura e literatura lançassem mão de seus estudos.

Em seus muitos escritos, o autor apresenta reflexões acerca das relações interativas entre práticas e representações culturais. Dos diversos temas analisados




por ele, a frase que nos instiga a tecer algumas reflexões é: “Como pensar a leitura diante de uma oferta textual que a técnica eletrônica multiplica mais ainda do que a invenção da imprensa?” (CHARTIER, 2002, p. 21). A crescente *oferta textual* de que nos fala o autor está presente nos vários recursos tecnológicos digitais, tais como: computadores, *smartphones* e *tablets*, facilmente encontrada na maioria da população em todo o mundo. Tal fenômeno certamente implica a formação leitora de qualquer pessoa, especialmente do leitor de literatura, pois os recursos tecnológicos das últimas décadas têm impactado as práticas leitoras dos consumidores textuais; esses novos *objetos* têm influenciado e modificado a formação e relação dos leitores com os mais variados textos e, especialmente, os literários.

A literatura em sua forma originária era difundida pela oralidade. Posteriormente, com o advento do livro ganhou materialidade na forma impressa. Essa materialidade foi, por um longo período, exclusiva da relação texto leitor, o que possibilitou ao livro, com suas formas e capas variadas, ganhar *status* de objeto estético. Hoje, assistimos a divulgações textuais pelas imaterialidades das multimídias. Experimentamos uma revolução nas práticas de produção e recepção de textos, pois ler uma tela difere consideravelmente de ser uma página impressa.

A relação entre tecnologia digital e leitura inaugura um espaço fértil para reflexões acerca de mudanças experimentadas nas novas habilidades e práticas leitoras, totalmente diversas daquelas exercitadas pelo leitor contemplativo da linguagem impressa. Isto é, a *oferta textual* dos novos suportes digitais de circulação provoca mudanças significativas na recepção de qualquer texto.

Chartier analisa detalhadamente essa questão e alerta para o fato de que equilíbrio é o principal elemento nessas considerações, pois “Entre as lamentações nostálgicas e os entusiasmos ingênuos suscitados pelas novas tecnologias, a perspectiva histórica pode traçar um caminho mais sensato, por ser mais bem informado” (CHARTIER, 2002, p. 9). Segundo ele, tanto produção quanto recepção de textos no universo digital causam mutações nas relações entre leitor e texto, até então definidas pelo texto impresso.

As *principais mutações* motivadas pelas mídias eletrônicas são consideradas pelo autor pertencentes a três diferentes grupos: as transformações das práticas de




leituras, as novas modalidades de publicação e a redefinição da identidade e propriedade das obras (CHARTIER, 2002).

Analisar os três aspectos dessa relação exigiria trabalho de maior fôlego. Por isso, vamos nos ater a refletir acerca do primeiro ponto destacado por ele: as transformações ocorridas nas práticas de leitura no universo digital. Embora reconheçamos que as práticas de leituras atuais ainda estejam ligadas à cultura impressa, é inegável que a cultura digital tem influenciado consideravelmente diversos aspectos destas, a partir da popularização dos computadores.

Suporte material e leitura: rolo, códice e tela

Os estudos da natureza da produção literária concretizados a partir das duas décadas finais do século XX concederam ao leitor relevância quanto às influências no processo criativo. Correntes literárias desenvolvidas nesse período, tais como: a sociologia da leitura, o estruturalismo tcheco e o *reader-response criticism*, por exemplo, contribuíram para que o leitor e as práticas leitoras granjeassem olhar de estudiosos tanto da produção quanto da recepção de textos. Evidentemente, os estudos realizados consideraram os leitores da produção impressa, tendo em vista que os suportes digitais ainda não tinham conquistado os recursos midiáticos atuais. Os estudos de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser foram de grande relevância aos que buscavam analisar especialmente a recepção textual dos textos literários. Conhecida como a Estética da Recepção, essa teoria colaborou para que os enfoques da ciência literária promovessem mudanças nas avaliações das práticas leitoras, isto é, tão importante quanto enredo, personagens, tempo e espaço, o leitor ganhou *status* de elemento participativo, não apenas na qualidade de receptor de texto, mas também como agente no processo criativo, especialmente nos novos suportes textuais.


A tecnologia sempre se fez mediadora das expressões culturais por meio da linguagem. Mudanças tecnológicas, tanto de surgimento quanto desaparecimento, implicam diretamente a produção, apresentação e recepção dos mais diversos elementos culturais. Podemos citar como exemplo, as representações ideogrâmicas, encontradas em antigas cavernas. Suas características icônicas e analógicas exigiam



que seus leitores adotassem práticas leitoras semelhantes aos usuários de computadores em nossa atualidade, isto é, movimentos oculares desconexos, que foram substituídos pelos lineares, com a adoção da escrita. Alguns pesquisadores consideram que o surgimento da escrita desencadeou uma oposição entre *cultura oral* e *cultura escrita*, pois as práticas de leitura estão condicionadas às práticas de escritura. Podemos constatar que, na sua origem, a cultura literária se apresentava oralmente, mas, com o desenvolvimento da modalidade escrita, experimentou transformações substanciais, facilmente detectadas nos novos gêneros que se estabeleceram. Por exemplo, nos romances do século XIX podemos detectar uma urdidura de enredo muito mais complexa que nas epopeias que os precederam. Nessas, os traços de oralidade são extremamente marcantes na construção de sentido, que se dá por meio de sucessão de fatos com amarrações fracas; naqueles, a estrutura se firma em um enredo, bem como em elementos inerentes à linguagem verbal escrita, tais como pontuação, por exemplo. A oralidade foi apreendida e incorporada a outros recursos, como os tecnológicos disponíveis na época. Portanto, não se pode isolar a leitura da história cultural.

Maingueneau (2012), ao avaliar os meios do discurso, ou seja, o dispositivo material de comunicação a que a literatura se submete, classificou quatro tipos de sociedades: as de literatura puramente oral; as que a oralidade coexiste com a escrita; as que a escrita é predominante, embora a oralidade ainda desempenhe papel relevante; as que a escrita apreende a oralidade por meio de recursos tecnológicos. Este último seria o caso da atualidade em que dispositivos como discos, cassetes, cinema e, recentemente, computadores, *smartphones* e *tablets* assinalam os limites da oralidade e apontam novas diretrizes para a *cultura do livro*.

Ao refletirmos acerca das mudanças ocorridas nas relações leitor/texto, no ato da leitura, ao longo da história, percebemos que, embora tivesse levado muito tempo, a passagem do rolo ao códice e deste ao livro foram mudanças extremamente importantes. Porém, ao considerarmos a circulação de textos de outrora e da atualidade, notamos que os suportes digitais que se apresentam hoje, são responsáveis por uma grande revolução na leitura.




A revolução do nosso presente é mais importante do que a de Gutenberg, ela não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos seus leitores. (...) com a tela, substituta do códex, a transformação é mais radical, pois são os modos de organização, de estruturação, de consulta ao suporte do escrito que se modificam. (CHARTIER, 1998, p.9).

As *mutações*, para as quais Chartier nos alerta, referem-se às inovações tecnológicas de suporte textual que possibilitam variadas relações entre leitor e texto. Segundo o autor, as novas maneiras de relação com a escrita implicam técnicas intelectuais e de leitura inéditas, isto é, relações cognitivas e gestos do corpo não manifestados anteriormente. Para ele, “a revolução do texto eletrônico será ela também uma revolução da leitura.” (CHARTIER, 1998, p. 101), que se caracteriza como rebelde e vadia, ou seja, carrega em seu bojo aspectos de efemeridade e criatividade. Como é impossível a existência de um texto fora de um suporte material (CHARTIER, 1998), passar de uma materialidade do texto impresso em livro para a imaterialidade das telas significa adentrar num universo de possibilidades ilimitadas de manipulação e captura de signos.

Iser afirma que “apenas a imaginação é capaz de captar o não-dado, de modo que a estrutura do texto, ao estimular uma sequência de imagens, se traduz na consciência receptiva do leitor (ISER, 1996, p. 79). Ele considera que a criação literária detém certa mobilidade, capaz de oferecer várias possibilidades no quesito materialidade escrita, ou seja, a escrita de um mesmo texto pode conter nuances em seu aspecto material que leva os mais diferentes leitores a lê-lo de maneira inusitada, a partir das escolhas de interpretação. Não se pode, portanto, segundo ele, considerar o fenômeno leitura como produção de sentido do texto, mas resultado de uma interação entre a produção e recepção que tem como característica virtualidade e dinamicidade. Nesse processo, o corpo humano funda relações tanto físicas quanto intelectuais com o suporte do texto, tendo em vista que o ato da leitura pressupõe que o texto exista não apenas na palavra, mas em uma materialidade concreta.

Convém ressaltar que as considerações de Iser limitam-se aos textos impressos, dado o contexto de suas realizações. A literatura analisada ainda encontrava como



suporte de circulação o livro, que se oferecia como objeto estético a todos os sentidos. Como tal, pode ser tocado, abraçado cheirado e até cariciado. O escritor e ensaísta argentino Alberto Manguel testemunha isso ao relatar suas experiências de leitura:

Foi como adquirir um sentido inteiramente novo, de tal forma que as coisas não consistiam mais apenas no que os meus olhos podiam ver, meus ouvidos podiam ouvir, minha língua podia saborear, meu nariz podia cheirar e meus dedos podiam sentir, mais do que o meu corpo todo podia decifrar, traduzir, dar voz a, ler. (MANGUEL, 1997, p. 17-18).

Os livros carregam uma história de modificações, ao longo dos tempos. Os materiais utilizados em sua confecção contribuíram com muitas mudanças, não apenas no sentido da visão, mas também nos demais elementos que apelam aos sentidos, durante a leitura, com os quais os signos linguísticos podem dialogar, como é o caso das impressões táteis, por exemplo. Esses *diálogos* são pautados em gestos corporais, que são mediadores das mudanças ocorridas na produção livresca.

Na Antiguidade, os textos eram registrados em rolos e ler implicava segurar dois pedaços de madeira com as duas mãos, o que levava o leitor apenas a movimentar linearmente os olhos. Com o surgimento do códice, um protótipo do livro moderno delineou novas formas de leitura; as folhas, que eram dobradas e amarradas, obrigava o leitor a depositá-las sobre uma mesa para manuseá-las. Isso permitia manter uma das mãos livres para que também se escrevesse, ou seja, possibilitava que ler e escrever fossem atividades realizadas concomitantemente, algo impossível de se efetivar anteriormente.

Ao códice depositado sobre a mesa bastava o toque dos dedos para que as páginas fossem viradas e o texto se revelasse aos olhos do leitor, o que implicava distanciamento dele. A proximidade com o corpo e propostas de novas modalidades de movimentos surgem com o advento do livro. Ações como utilizar as duas mãos para pegá-lo, pô-lo sobre o colo ou depositá-lo sobre o peito, em diferentes espaços físicos, inauguraram uma nova relação entre o texto e o corpo do leitor.


Impactos nas práticas leitoras

O leitor do texto literário é diferenciado do leitor de textos genéricos. Não é aquele que apenas reconhece letras e fonemas, palavras e frases ou, ainda, compreende regras gramaticais e operações básicas da língua trabalhada na leitura pragmática. Por isso é parte integrante do conjunto de significados que a experiência de leitura revela, pois é capaz de reconhecer a natureza do signo verbal e situá-lo face a outros signos, como os visuais, por exemplo. Nesse exercício semiótico, pode generalizar e também regenerar sentimentos. Isso porque a literatura é plurissignificativa. Nela, os signos linguísticos são guiados pela imaginação de modo que se abram a universos significativos infindáveis, além dos estabelecidos pela comunicação cotidiana. Desse modo, mais que a função formadora a partir de reflexões acerca da realidade circundante, a literatura também tem função humanizadora, ou seja, concede aos homens uma de suas necessidades vitais: transporta-os a mundos imaginários para dar prazer aos sentidos. Por isso o filósofo e historiador francês Roger Chartier concede grande importância aos suportes textuais; a construção de sentido do texto está intimamente ligada às variações de leitura que eles possibilitam.

Assim, ao considerarmos que os textos acondicionados em mídias eletrônicas permitem que as relações texto/leitor sejam mais interativas, devemos atentar para o fato de que independência das hierarquias da organização verbal do texto impresso, como as lineares dos códices, por exemplo, são atividades imprevisíveis.

Ao estudar as estratégias textuais e as relações entre autor e leitor, Umberto Eco concluiu que “um texto requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor” (ECO, 1986, p. 36), ou seja, o autor procura organizar o texto a partir de um leitor previsível; ele prevê um leitor-modelo para seu texto e adota estratégias que possibilitem que esse leitor atualize as potencialidades de sentido que o texto veicula, de acordo com as expectativas do autor.

Os suportes digitais dispõem diante do leitor diversos gêneros, inclusive os literários, que podem ser lidos de formas variadas; há quebra de conexões dos seguimentos textuais que são reestabelecidas exclusivamente pela intersemiose da



leitura impulsionada pela atividade ideativa do leitor que, nesse contexto, é livre para reorganizar o discurso do autor com movimentos de sua preferência.


Esses leitores são transformados pelos objetos a serem lidos e, por isso, podemos considerá-los sob diferentes aspectos. Santaella (2004), por exemplo, os classificou por suas habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas. Para a autora, são habilidades existentes no ato da leitura que correspondem, respectivamente, aos leitores *contemplativo*, *movente* e *imersivo*.

O primeiro tipo seria o leitor da era do livro impresso e das imagens expositivas fixas. Trata-se de um leitor que surge no Renascimento e subsiste até meados do século XIX; é o leitor da era pré-industrial. O segundo tipo é o leitor do qual nos fala Walter Benjamin, ao analisar a poesia de Charles Baudelaire: o *flâneur*, que se move pela cidade lendo o mundo em movimento. Surge com a Revolução Industrial, por isso é dinâmico como os grandes centros urbanos. O terceiro tipo de leitor é aquele que surge com os espaços virtuais e liberta-se da materialidade do livro, para *navegar* numa tela com o simples *click* de um *mouse*. Esse leitor não segue a sequência do signo disposto no texto impresso, não vira páginas em um livro, mas se move reticularmente, programando as próprias leituras.

Santaella ocupa-se em apontar o perfil de cada leitor, considerando os percursos da mente humana nas diferentes práticas leitoras. Esclarece que o surgimento de um tipo não exclui o outro, isto é, os três são capazes de conviver harmoniosamente. Porém, o aspecto da leitura que nos interessa é o que a considera em função dos suportes que na transmitem, pois esses transformam movimentos de leitura, afinal, ela não é apenas produto de abstração, mas também de engajamento do corpo que se inscreve no espaço em relação consigo e com os outros (CHARTIER, 1996).

Considerações Finais

Ao longo de toda trajetória humana, os processos de produção e circulação textual têm sido influenciados pela tecnologia. As informações experimentaram diferentes mutações do suporte tecnológico e, conseqüentemente, transformações no leitor. A escrita manuscrita em papiros deslocou-se para as telas dos meios digitais; da



leitura do papel passamos às de telas e, hoje, à multiplicidade de signos produzidos e lidos em diferentes suportes.

O fenômeno da multiplicação de signos, como, por exemplo, os imagéticos: desenhos, fotografias, computação gráfica exige que ampliemos também o conceito de leitura para entender que a multiplicidade de leitores está atrelada à diversidade sógnica, que se desenvolvem em diferentes espaços, especialmente os urbanos.

As tecnologias digitais abrem-se às relações intersemióticas em que o verbal, em diálogo com o visual e o sonoro, constroem novas possibilidades, como a de gestos corporais, movimentos variados que interagem enquanto instituem uma maneira revolucionária de leitura.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. Do Livro à Leitura. In: Roger Chartier (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun/Roger Chartier*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. *Os desafios da escrita*. Trad. Fulvia M.L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.


ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol. 1 Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed.34, 1996.

_____. *A Interação do Texto com o Leitor*. In: Luiz Costa Lima (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: Leitores & Leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LIMA, Luiz Costa. *O Leitor Demanda da Literatura*. In: Luiz Costa Lima (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. 2. ed. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.



SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *[Re]discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 47-72.

VIEIRA, Telma Maria. Literatura: o leitor na modernidade. In: Geraldina Porto Witter (Org.). *Literatura na Formação de Leitores*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009, p. 41-73.

_____. O livro ficcionalizado: Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector. In: Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 2012, Maringá. *Anais do 2º CIELLI*. Maringá: UEM, 2012.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.